

Os “ruídos” de discursos outros: represent(ações) do feminino em *Sem Gentileza*, de Futhi Ntshingila

*The “noises” of other discourses:
representations of the feminine in No Kindness, by Futhi Ntshingila*

Ana Patrícia Sá Martins Costa¹

Universidade Estadual do Maranhão (Uema)
São Luís, Maranhão, Brasil

Andrea Teresa Martins Lobato²

Universidade Estadual do Maranhão (Uema)
São Luís, Maranhão, Brasil

Carla Vitória Pontes Mendes³

Universidade Estadual do Maranhão (Uema)
São Luís, Maranhão, Brasil

Elisa Sodré Teixeira⁴

Universidade Estadual do Maranhão (Uema)
São Luís, Maranhão, Brasil

Resumo: Este artigo reflete como a literatura contemporânea contém "ruídos" que provocam desconforto e influenciam a maneira como o sujeito produz sentido no mundo. Nós, enquanto seres simbólicos, históricos e sociais, integramos uma tríade de fraturas, memórias e subjetividades que atravessam a sociedade, o discurso e o campo literário. Mediante a subjetividade artística, a figura feminina emerge diluída em uma condição socioplural dentro do texto literário, o que demanda vozes como a de Futhi Ntshingila, autora de *Sem gentileza* (2016). A obra aborda questões diversas, como as representações do feminino, evidenciadas pelas experiências das personagens, o que configura o caráter de aspectos que transitam entre a conformidade, as ausências e o protesto, bem como a forma pela qual a literatura dá espaço para diferentes discursos e vozes. À vista disso, este estudo se utiliza de duas naturezas complementares de análises: na primeira, se articulam as concepções bakhtinianas do dialogismo e da autoria responsiva, pensando a autora e seu contexto de escrita; na segunda, a análise literária pauta-se sob a perspectiva dos estudos da de(s)colonialidade. Assim, nossa investigação, de natureza analítica, adota uma abordagem qualitativa e bibliográfica, fundamentada em

¹ Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos -UNISINOS/RS (2020). Coordena pesquisas na graduação e na pós-graduação, dedicando-se, principalmente, aos temas: Formação inicial e continuada de professores; Interculturalidade e Decolonialidade na formação docente; e Multiletramentos e Tecnologias digitais no ensino. É líder do grupo de pesquisa Multiletramentos no Ensino de Línguas (MELP), registrado no Diretório do CNPq. E-mail: apsm121285@gmail.com

² Profa. Dra. do curso de Letras da *Universidade Estadual do Maranhão* (UEMA). Realiza, atualmente, Estágio Pós-Doutoral no Programa de Pós-Graduação em Direito e Instituições do Sistema de Justiça/PPGDIR da Universidade Federal do Maranhão. Possui Doutorado em Letras (Ciência da Literatura) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: andreatmlobato@gmail.com

³ Graduada em Letras-Português e suas respectivas literaturas pela *Universidade Estadual do Maranhão*. Mestranda em Teoria Literária (UEMA). E-mail: carlavitoriapmendes@gmail.com

⁴ Graduada em Letras-Português e suas respectivas literaturas pela *Universidade Estadual do Maranhão*. Mestranda em Teoria Literária (UEMA). E-mail: clisasodre172@gmail.com

teóricos como Regina Dalcastagnè (2005), Mikhail Bakhtin (1997, 2003), Anibal Quijano (2000), Catherine Walsh (2001) e outros/as autores/as decoloniais e feministas, estimulando uma leitura literária localizada na esfera das epistemologias dissidentes.

Palavras-chave: Sem gentileza. Futhi Ntshingila. Discurso. Feminino. Representações.

Abstract: This article reflects on how contemporary literature contains "noise" that provokes discomfort and influences the way the subject produces meaning in the world. We, as symbolic, historical, and social beings, integrate a triad of fractures, memories, and subjectivities that traverse society, discourse, and the literary field. Through artistic subjectivity, the female figure emerges diluted in a socio-plural condition within the literary text, which demands voices like that of Futhi Ntshingila, author of **Without Gentleness** (2016). The work addresses diverse issues, such as the representations of the feminine, evidenced by the characters' experiences, which configures the character of aspects that oscillate between conformity, absences, and protest, as well as the way literature gives space to different discourses and voices. In view of this, this study uses two complementary types of analysis: the first articulates dialogism and responsive authorship, considering the author and her writing context; and the second, literary analysis grounded in coloniality. From this perspective, this analytical research adopts a qualitative and bibliographical approach, based on theorists such as Regina Dalcastagnè (2005), Mikhail Bakhtin (1997, 2003), Anibal Quijano (2000), Catherine Walsh (2001) and other decolonial and feminist authors, encouraging a literary reading situated within the sphere of dissident epistemologies.

Keywords: No kindness. Futhi Ntshingila. Discourse. Feminine. Representations.

1 INTRODUÇÃO

Conhecer uma obra literária é igualmente conhecer o mundo que ela representa. (Regina Zilberman)

No cenário literário contemporâneo brasileiro, surge uma voz ativa que expressa, muitas vezes, um sentimento de inconformidade com os espaços reais e literários historicamente relegados a si: a mulher. Inserida em um espaço definido – ou predefinido –, a mulher escreve, inscreve, reescreve e circunscreve, bem como enuncia e denuncia. Por meio do texto literário, busca romper barreiras, desbloquear caminhos e deslocar-se, reivindicando sua presença e sua ampliação nos espaços de produção e representação literária.

Mas onde estão as mulheres? Embora mulheres escrevam, produzam textos, narrativas e elaborem discursos literários ao longo de diferentes tempos e culturas, sua presença no campo da literatura foi historicamente submetida a processos de silenciamento, apagamento e exclusão, que apartou-lhes da produção literária, em grande medida, sustentados por uma lógica colonial, patriarcal e canônica de legitimação. Mesmo quando alcançam visibilidade no cânone ocidental — como ocorre com autoras associadas aos clássicos ingleses do século XIX, a exemplo de Jane Austen (1775–1817), autora de *Orgulho e Preconceito* (1813) e *Razão e Sensibilidade* (1811) —, a inserção das mulheres no espaço literário se dá de modo desigual e restrito.

Ainda assim, suas obras não apenas conquistam leitores pelo êxito estético e pela densidade e profundidade emocional, mas também pela construção de representações subjetivas de mulheres e de outros sujeitos, contribuindo para processos de construção identitária. Todavia, ao se pensar o discurso literário como instrumento de libertação, faz-se a indagação crítica: “liberdade para quem?” (Dalcastagnè, 2005).

Sob esse prisma, o ser feminino, nesta pesquisa, não é analisado sob um único viés relacionado à forma como se sente e se percebe no mundo, senão a partir de dois pólos fundamentais: quem escreve – autoras e personagens legitimadas dentro de um contexto específico de identidade – e quem participa ativamente desse processo: o leitor. Ao imergir na narrativa, o leitor vê-se representado e sente-se pertencente a um espaço de dimensões múltiplas, pois, sem ele, não há vida a obra, pela qual a literatura torna-se uma miscelânea de culturas e existências, o que proporciona novas perspectivas e amplia diferentes diálogos.

Nesse sentido, esta pesquisa analisa a obra *Sem gentileza*, da autora sul-africana Futhi Ntshingila, com base nas escritas que, por um lado incomodam com os seus ‘ruídos’ e, por outro, surgem como bálsamo aos que leem. A autora representa e protagoniza em seu texto o ser feminino, adquirindo mais espaço e resistência.

Em *Sem gentileza*, encontramos personagens mulheres, negras, com diferentes características, experiências e vivências, as quais podem ser aprofundadas a partir do entendimento dos discursos das personagens e do narrador. Além disso, por meio da obra, conhecemos um contexto africano no qual conhecemos costumes, cultura, tradições, formas de viver, ancestralidade e crenças de um povo.

Nesse cenário, o texto literário apresenta expressões africanas, as quais enriquecem o texto e fazem com que nós, leitores, entremos em contato com outra língua e diversas percepções de ser e estar no mundo. Assim, a obra literária contribui para uma perspectiva dissidente de uma visão de mundo monocultural/ monorracial e, por conseguinte, se opõe à estrutura moderna/colonial/europeia, na qual são desenvolvidas e sustentadas categorias de opressão social, como classe, sexo, raça e gênero.

Quando nos aprofundamos no modo como as personagens femininas são representadas, muitas vezes notamos a manutenção de concepções coloniais sobre o feminino, especialmente nas questões relacionadas ao corpo da mulher. Frequentemente, as personagens femininas são retratadas a partir de perspectivas externas que enfatizam padrões de beleza, fragilidade e sensualidade, muitas vezes vinculadas à objetificação e ao controle sobre seus corpos.

A exemplo disso, encontra-se a personagem Capitu, de Machado de Assis, na qual a história é narrada pelo prisma do personagem Bentinho. Este descreve as ações, os gestos e os “olhos de cigana oblíqua e dissimulada”, frase célebre da obra, no qual se articulam com a corporificação e a sensualidade. Além disso, em narrativas como *Iracema* (1865), que evocam estereótipos acerca da figura feminina, pode-se observar como o corpo é idealizado, sacrificial e silencioso, o que configura simbolicamente o ser mulher como território de dominação. Por sua vez, em *O cortiço* (1890), a representação da reificação da mulher é trazida à tona, bem como marcas da hipersexualização do corpo racializado, reforçando estereótipos coloniais que associam mulheres negras e mestiças ao desejo, à animalização e à ausência de racionalidade. No entanto, conforme os discursos críticos ganharam espaço, a literatura começou a desafiar essas representações, apresentando corpos diversos, marginalizados e ressignificados como Mvelo e Zola⁵.

⁵ Este artigo parte da análise destas duas personagens (protagonistas).

Dessa forma, para entender as representações do feminino no texto literário, partimos dos estudos bakhtinianos, nos quais encontramos as categorias do dialogismo e da responsividade, ferramentas usadas neste estudo. Os estudos decoloniais e feministas são nossas outras bases teóricas que sustentam esta pesquisa. Ademais, essas contribuições serão apresentadas e entrelaçadas com situações e trechos da obra com o fito de substanciar a construção das personagens e a atuação do discurso nas representações. Dessa forma, essa seleção dos trechos se dá com o intuito de a teoria ser materializada na linguagem e de a obra ser o próprio campo empírico da nossa análise literária entrelaçando com pontos-chave da obra.

Sendo assim, a pesquisa caracteriza-se como bibliográfica, qualitativa e de teor analítico, sendo o corpus constituído pelos discursos presentes na obra literária *Sem Gentileza*, de Futhi Ntshingila, que, vale ressaltar, apesar de ter sido publicada em 2014, só foi traduzido para o português em 2016. Nesse sentido, o artigo está organizado em quatro seções: Autoria responsiva: fios dialógicos; Ausências, movências e resistências; Com gentileza: entre subalternos e soberanos e Considerações finais.

2 AUTORIA RESPONSIVA: FIOS DIALÓGICOS

A escritora Futhi Ntshingila dedica *Sem gentileza* às crianças “que vivem às margens da sociedade e que passam por dilemas colossais” (Ntshingila, 2016, p. 3), gesto que já antecipa o compromisso ético e político da obra com sujeitos historicamente invisibilizados. Para a autora, as vozes das crianças silenciadas pelos mecanismos sociais de exclusão não apenas importam, como demandam escuta atenta e sensível. Desse modo, a narrativa pode ser compreendida como uma tentativa de evidenciar a urgência de ouvir, compreender e legitimar as experiências de crianças que habitam guetos, favelas, barracos e outros espaços marcados pela precarização da vida. Tal perspectiva se materializa, sobretudo, na construção da personagem Mvelo, cujas vivências, afetos e estratégias de sobrevivência funcionam como índice representativo desse grupo social marginalizado.

Podemos melhor compreender a personagem Mvelo recorrendo à perspectiva bakhtiniana, especificamente ao que Mikhail Bakhtin (1997) denomina de exotopia do autor:

Em linhas gerais, ela consiste em dizer que uma vida encontra um sentido, e com isso se torna um ingrediente possível da construção estética, somente se é vista do exterior, como um todo; ela deve estar completamente englobada no horizonte de alguma outra pessoa; e, para a personagem, essa alguma outra pessoa é, claro, o autor (p. 6).

Sob esse prisma, Mvelo pode representar as experiências da autora em sua jornada na resolução de conflitos⁶, o olhar de quem está no exterior, mas não deixa ser

⁶ Futhi Ntshingila fez mestrado em Mediação e Resolução de conflitos na Universidade de KwaZulu-Natal, por isso o trocadilho da expressão se referindo à sua personagem ter relação com a sua especialização.

movido pelo que vê no Outro. Assim, é uma relação eu-tu, tendo em vista que o segundo integra o primeiro, bem como o primeiro integra o segundo, ocorrendo o dialogismo.

A arte “dialógica” tem acesso a um terceiro estado, acima do verdadeiro e do falso, do bem e do mal assim como no segundo, sem que por isso se reduza a ele: cada idéia é a idéia de alguém, situa-se em relação a uma voz que a carrega e a um horizonte a que visa. No lugar do absoluto encontramos uma multiplicidade de pontos de vista: os das personagens e o do autor que lhes é assimilado; e eles não conhecem privilégios nem hierarquia (Bakhtin, 1997, p. 8, grifo do autor)

Em *Sem Gentileza*, em muitos momentos, é possível percebermos o sentimento de medo das menores que vivem na favela de Durban: “Neste lugar esquecido, as garotas não podiam brincar ao sol, jogando água umas nas outras só com a roupa de baixo. À noite, tinham que dormir com um olho aberto e outro fechado.” (Ntshingila, 2016, p. 178).

Tios. Perdia-se a conta das amigas de Mvelo que se tornaram suas vítimas. Eles vieram e foram embora deixando para trás arruinadas e corações partidos. Faziam as vezes de namorados para as mães solteiras que passavam por dificuldades e que nunca aprendiam; [...] Lobos em pele de cordeiro, voltavam-se às filhas, causando dano físico e uma vida inteira de cicatrizes mentais (Ntshingila, 2016, p. 19-20).

Nesses trechos, é possível notar o foco narrativo sobre a vida das meninas da favela e de suas famílias, manifestando experiências comuns. Isso colabora para pensarmos a obra e, principalmente, a personagem Mvelo como uma criação coletiva na qual se denuncia e se critica os problemas sociais complexos que não se restringem à África do Sul.

Ademais, a capacidade dialógica do texto literário cria ligações convergentes e divergentes. Ao revelar os pensamentos e as lutas das personagens desfavorecidas, o que se faz é assumir uma posição na luta pelo poder. Tal afirmação se sustenta na visão bakhtiniana.

De acordo com José Luiz Fiorin (2011), Bakhtin desvela o fato de a circulação das vozes numa formação social estar submetida ao poder, portanto, não há neutralidade no jogo de vozes. Com base nisso, podemos assegurar que *Sem Gentileza* é uma manifestação política da autora, uma resposta às vozes que integram sua consciência, expostas nos enunciados dos personagens.

Quando veio ao Brasil para o lançamento da tradução de *Sem Gentileza*, em 2016, Futhi Ntshingila foi entrevistada pelo Sul21⁷. Na ocasião, a autora explicou sua intenção com a escrita do texto, quando, ao ser questionada acerca da presença de temas como estupro e tradição da virgindade, declarou:

⁷ Sul 21 é um site de notícias independente, dedicado à publicação de reportagens aprofundadas sobre temas que nem sempre aparecem na mídia hegemônica (Sul21, [s.d]).

Eu acho que é muito importante, não é a vida de toda mulher da África do Sul, mas é a vida de uma mulher cujas escolhas são feitas por ela, por causa das questões econômicas que eu estava falando. Como uma mulher pobre, como uma pessoa que vive em uma sociedade com pobreza, essas coisas são possíveis de acontecer e são uma realidade, triste, mas ainda uma realidade. Eu acho que o que queremos é poder dizer “ah, já lidamos com a opressão, agora temos democracia, vamos olhar para frente”. Mas existe uma boa parcela da sociedade que vive onde acontecem esses estupros, onde há pobreza e você acaba se esquecendo deles. Por isso eu precisava contar uma história que colocasse diante de você e dissesse: olha, esses problemas ainda estão acontecendo. Acho que isso era meu objetivo principal com a história (Ntshingila, 2016).

Essa declaração corrobora sua posição responsiva ativa na escrita. A responsividade é um conceito bakhtiniano, sintetizado na ideia de que toda compreensão é também uma resposta (Bahktin, 2003). Assim, aquele que escuta, lê ou recebe de qualquer outro modo a mensagem, desde que compreenda, está agindo responsivamente.

Na escrita, Ntshingila se comporta dessa forma, porque age a partir de outros, compreendendo e respondendo a eles; e, simultaneamente, corroborando para que o leitor também faça isso. Por meio das personagens que cria, a autora reverbera sua condição de mulher negra, a qual, por assim ser, sofre concomitantemente racismo, machismo e outras formas de violência que configuram sua escrita. Isto é, encontra-se na interseção de categorias que servem como mecanismos de sustentação de sistemas de poder.

Assim sendo, entendemos a escrita da autora como uma ação política, situada, engajada e multidentitária. Essas características nos motivam a falar e refletir sobre ela, assumindo, então, como esta, lugar de fala frente aos desafios sociais com os quais nos deparamos enquanto mulheres negras, *suleadas*⁸ e pesquisadoras.

3 AUSÊNCIAS, MOVÊNCIAS E RESISTÊNCIAS

Ao se pensar nas ausências manifestadas no espaço literário, é importante significar as movências dessas ausências e a forma que elas resistem por meio do texto, da arte e da voz que outrora não podia se manifestar, mas que se contrapõe, mostrando sua potência, subjetividade e resistência.

Sob esse ângulo, Bakhtin (1999) entende a literatura, os livros, as bibliotecas não só como lugares de instância cultural territorializada, senão como um espaço discursivo no qual se proporciona e se encontram as mais diversas vozes, tendo posto mais do que a promoção de variados discursos, fundamentalmente, a apropriação deles e a

⁸ Usamos esse termo a fim de fazermos referência ao livro “Epistemologias do Sul”, de Boaventura de Sousa Santos, no qual ele identifica uma divisão política do mundo. Assim, o autor se utiliza de metáforas ao esboçar que o Norte é o lado europeu/ superior e o Sul, lado colonizado/dominado/subalterno. Logo, quando o autor pensa essa ótica, não é meramente localizando o que está no Norte ou no Sul do globo, mas, para além disso, é uma crítica do modelo dominante, é o viés da relação com a colonialidade, com o processo de colonização, com o capitalismo e com as múltiplas faces (humanas e desumanas) que essa divisão agrega.

construção de sentidos. De acordo com o autor, a comunicação se dá através de enunciados, que são manifestações de uma realidade, porém que também dela se apropriam. A literatura e os livros, portanto, são espaços nos quais essas manifestações discursivas se encontram, se cruzam e se modificam por meio da interação e do diálogo, o que este estudo busca de forma marcante.

Partindo da ótica Bakhtiniana, convém pensar o texto literário como manifestação subjetiva e discursiva do entretecer e entrecruzar de falas, contextos, percepções e experiências. Nesse sentido, autoras contemporâneas desenvolvem o corpo feminino como um território de resistência, identidade e autonomia, tornando-o um elemento crucial para narrativas que rompem com estereótipos, uma vez que as ausências passam por movências e adquirem um lugar, um corpo, um significado maior: a mulher falar de si e de outras mulheres.

Dalcastagnè (2021) discute o problema da representatividade, destacando que o conceito de representação está presente em diversos contextos, como as artes cênicas, as artes visuais, a literatura, o direito e a política. Segundo a autora, o sentido da representação não se restringe à busca pelo olhar do outro, nem às suas particularidades e/ou peculiaridades. Pelo contrário, pensar esse representar abre espaço para a diversidade de percepções do mundo, diferentes ressonâncias e a não monopolização dos lugares de fala, o que promove um cenário mais inclusivo e plural:

O silêncio dos grupos marginalizados – entendidos em sentido amplo, como todos aqueles que vivenciam uma identidade coletiva que recebe valoração negativa da cultura dominante, sejam definidos por sexo, etnia, cor, orientação sexual, posição nas relações de produção, condição física ou outro critério³ – é coberto por vozes que se sobrepõem a ele, vozes que buscam falar em nome desses grupos, mas também pode ser quebrado pela produção literária de seus próprios integrantes (Dalcastagné, 2021, p. 111).

Por conseguinte, a autora elucida que por meio dessas vozes que surgem, há a legitimidade e a valorização do que é dito e por quem é dito: “O fundamental é perceber que não se trata apenas da possibilidade de falar – que é contemplada pelo preceito da liberdade de expressão – (...), mas da possibilidade de “falar com autoridade”, isto é, o reconhecimento social de que o discurso tem valor e, portanto, merece ser ouvido.” (p.112, grifo da autora)

Djamila Ribeiro (2019) desenvolve estudos nas vias da literatura da mulher preta com a demarcação de fala. Ribeiro aponta que “as identidades foram forjadas no seio de sociedades coloniais” (p. 31), isto é, a estudiosa parte da premissa de que no campo social existe uma autorização discursiva para se expressar. Sendo assim, o ser mulher, principalmente mulher negra, é ser destituída de espaço discursivo e em meio a uma sociedade de ideologia dominante, que nos leva a questionar: em que medida se alcança essa literatura universal? Não seria uma forma de camuflar ou invisibilizar escritas diversas vindas de diferentes esferas do mundo?

No que se refere à *Sem gentileza*, é uma história que se passa em cenário de pobreza nos guetos da África do sul, em favelas, pelo qual a relação entre mãe e filha é retratada e construída na narrativa. As personagens passam por sofrimentos diários, o que configura as lutas e as agruras em que vivem. O quadro abaixo apresenta nomes de

alguns personagens participantes da trama, suas classificações e um breve resumo de seus desenvolvimentos.

Quadro 1 – Principais personagens femininas da obra

Personagem	Classificação	Resumo de suas funções
Mvelo	Protagonista	Filha de Zola Violentada com 14 anos Grávida em virtude do estupro.
Zola	Protagonista secundária	Mãe de Mvelo Engravidada ainda no colegial; Ama o pai de sua filha, mas ele acaba falecendo Expulsa de casa depois de revelar sua gravidez
Nonceba ⁹	Personagem secundária	Nova mulher do ex-marido de Zola (Sipho) Constrói uma relação de amizade com Mvelo, que se intensifica após a morte de Sipho e Zola Altamente crítica e segura de suas raízes africanas

Fonte: Elaborado pelas autoras (2025).

Na configuração da narrativa, mãe e filha viviam em um barraco no distrito de Mkhumbane (antiga comunidade), nos arredores de Durban, na África do Sul. Através da narrativa, observamos que a única expectativa positiva para ambas era sempre a segunda-feira, dia do lixo, quando, após revirar as lixeiras das casas de classe média próximas ao distrito onde moravam, teriam algo para comer e assim se alimentar. Ambas aprenderam a viver com pouca comida, como no excerto: “economizar para a próxima refeição: pulando uma, caso não estivesse com muita fome”. (Ntshingila, 2016, p. 115)

Zola, enquanto mãe e figura central na proteção de Mvelo, luta continuamente para criar sua filha em um ambiente hostil, que é marcado pela violência e pela falta de recursos. Com o decorrer da narrativa, observamos que a personagem se cumpre como uma mulher forte e resiliente, mas também vulnerável aos desafios da vida.

Mvelo é uma jovem que busca o seu lugar no mundo. Ela gostava de cantar e, por isso, cantava na igreja, tal qual se observa no seguinte trecho: "Os líderes começaram a fazer perguntas sobre aquela garota que tinha dom para o canto. As respostas sempre vinham sobre forma de sussurros: é a filha da Zola, sim, aquela que está com a doença das quatro letras." (p. 12). Como mencionado, a personagem Mvelo cedo (ou prematuramente para sua idade) teve que se tornar adulta devido às responsabilidades que tinha para si: preocupações com a saúde fragilizada da mãe com

⁹ Consideramos pertinente ilustrar a participação desta personagem na narrativa, uma vez que ela contribui para as transformações de Mvelo e porque a mencionamos brevemente adiante, ainda que não a aprofundemos nesta análise.

Aids, ter que trabalhar para sustentar a si e a mãe, como consta na narrativa: "uma jovem de 14 anos com mentalidade de 40." (p. 1).

Na interiorização das personagens, revelam-se sentimentos de Mvelo, sua inadaptação ao ambiente em que vive e a sua condição humana, os quais: o corte da bolsa auxílio saúde da mãe, o estupro que sofreu, a saúde debilitada da mãe, ser adulta antes do tempo, a maldade humana, a desumanização, a perda da mãe e entre outras realidades que moldam a sua identidade.

Mediante essas conjunções, convém mencionar a colonialidade de gênero, conceito desenvolvido por María Lugones. O qual se refere à forma como a colonização europeia impôs estruturas específicas de gênero sobre sociedades e culturas previamente existentes, especialmente nas Américas, subjugando-as. Fundamentado na teoria da colonialidade do poder, de Aníbal Quijano, esse pensamento analisa a intersecção entre raça, gênero e poder, evidenciando como o processo colonial não apenas dominou territórios e povos, mas também remodelou as relações de gênero, frequentemente reforçando padrões patriarcais. É notório que a colonialidade de gênero ainda tem dimensões na atualidade.

Para Lugones (2008, p. 82), "*En la intersección entre 'mujer' y 'negro' hay una ausencia donde debería estar la mujer negra precisamente porque ni 'mujer' ni 'negro' la incluyen. La intersección nos muestra un vacío*". O feminismo decolonial pode ser um caminho para preencher o vazio da intersecção e, por conseguinte, desarticular a colonialidade de gênero, desconstruindo a visão única que o colonialismo lançou sobre as mulheres. Ele fala pelas mulheres que, além de serem mulheres, são: negras, indígenas, suleadas etc. e, portanto, não são alcançadas pelo feminismo hegemônico. Essa perspectiva feminista "indica um outro caminho possível, propondo analisar a opressão de gênero e raça a partir de uma epistemologia de fronteira" (Jardim; Cavas, 2017, p. 73).

Ao se analisar a construção da personagem, se sobressaem as metonímias de sua vida, características do ser a que se refere, expressando o desajuste de sua vida ao meio rude que vivencia.

Sua voz voltou na despedida de Zola. Cantou para afastar o medo que sentia pela vida crescendo em sua barriga, cantou para afastar o pavor de ter que tirar Zola da sepultura, cantou para afastar o difícil caminho que precisaria percorrer, como uma órfã solitária. Cantou até se sentir aquecida por dentro, como se fosse pintada por um cálido tom de laranja (Ntshingila, 2016, p. 25).

Observamos que as ausências da narrativa se cumprem pelo fato de ser uma história situada na África em um contexto de *Apartheid*, no qual apresenta o negro como protagonista. E quando pensamos em ausência, é justamente pensando nessa minoria, nessas ausências dessas vozes e personagens em obras literárias e que são invisibilizadas no mundo. Em contrapartida, quando essa voz chega até nós, há uma alteração, um movimento, uma curva no meio do caminho, ou melhor, uma movência de fala, de pessoas e de percepções.

Nonceba atua como advogada e figura de destaque na vida de Zola e Mvelo. Podemos pontuar que, ainda que seja uma personagem secundária, esta representa a

esperança e a possibilidade de mudança. Ela é uma mulher forte e determinada, que busca justiça e igualdade, por isso, é uma peça-chave na narrativa.

Com as transformações e construções identitárias, a movência acontece quando o silêncio se torna audível, quando o outro se expressa. Assim, após esses dois aspectos, pensamos nas resistências que a narrativa evoca: o povo africano, a cultura, a fome, a violência sexual, o pobre, o negro, os ricos, as mães solas, os portadores de aids, entre tantos outros sujeitos e temas que se conectam com a narrativa.

4 COM GENTILEZA: ENTRE SUBALTERNOS E SOBERANOS

Sem gentileza é uma obra em que, literalmente, a falta de gentileza com as personagens é recorrente. Além disso, é uma história que se entrelaça com subalternos e soberanos. No entanto, aqui, pensamos um olhar outro, uma perspectiva outra para as mulheres da narrativa: a gentileza, um viés mais gentil e que mostra suas potências perante a sociedade e o ser e estar no mundo.

Nesse caso, podemos ressaltar a gentileza por meio das relações afetivas entre as personagens Mvelo e Zola. Ainda que se encontrem em situação de extrema vulnerabilidade social, ambas não deixam de demonstrar carinho, cuidado e compaixão uma pela outra, o que pode ser interpretado como uma ação soberana. O trecho a seguir nos faz refletir sobre essa questão:

Com esses pensamentos martelando sua cabeça, houve um dia em que Mvelo não aguentou mais. Simplesmente desistiu da ilusão de ver sua mãe melhorar e resolveu parar de dar os comprimidos a ela. Apertou sua mãe forte e disse: ‘Mãe, você não está melhorando, e não temos comida que ajude os comprimidos a fazerem efeito. É muito sofrimento. Eu tenho que te deixar e peço pra que você descanse’. Ela falou como uma mulher que vivera muitos anos. Não sabia de onde viera aquilo (Ntshingila, 2016, p. 20).

Nesta passagem, observamos a capacidade de resiliência de Mvelo sendo desenvolvida. Mesmo ainda jovem, ela demonstra força ao perceber que terá que se despedir da mãe e que a responsabilidade de acabar com o sofrimento da tutora é sua. Sendo assim, a decisão representa um gesto de gentileza difícil de ser realizado, mas necessário.

Além disso, esse trecho explicita o encurtamento violento da infância, causado pela precarização da vida, pela fome e pela ausência de amparo social. O trecho materializa literariamente aquilo que a análise teórica aponta: crianças marginalizadas são forçadas a ocupar lugares adultos antes do tempo, bem como o corpo da criança se tornando espaço de responsabilidade e sofrimento.

Outro momento em que, diante do sofrimento, há demonstração de empatia, que ocorre na cena em que Zola dá indícios de que sabe do estupro da filha e deixa evidente que tem conhecimento de sua gravidez, como no excerto:

Zola tentou se apoiar sobre o cotovelo e olhou a filha nos olhos. ‘Mvelo’, disse, ‘eu sei que alguma coisa aconteceu com você no último dia da igreja. Estou vendo que sua barriga cresceu e que seus seios estão escurecidos e com estrias. Me prometa que você não vai

fazer nada que machuque essa vida que está crescendo dentro de você. É uma vida inocente' (Ntshingila, 2016, p. 20).

Três vidas inocentes estão envolvidas nesse caso: a de Zola, de Mvelo e de sua filha. Embora a vida da última resulte da violação sofrida por Mvelo, Zola não defende o aborto, o que pode ser interpretado como uma forma de resistência à violência e ao silenciamento feminino. Nesse sentido, a aceitação da criança representa oposição à lógica moderna/colonial/patriarcal na qual "a mulher é então construída femininamente como uma criatura emocional/ subjetiva/ passiva/ frágil/ impotente/ pacífica/ recatada/ doméstica/ possuída" (Andrade, 2005, p. 85). Seguindo a perspectiva do sistema, o comportamento esperado pela protagonista seria o recolhimento, todavia, após passar por processos transformativos causados pela precariedade, ela usa a gestação e o corpo como forma de ativismo.

Ademais, um momento em que percebemos a transição da subalternidade para a soberania é quando Mvelo sente o julgamento da médica que comprova sua gestação e, em seguida, adormece:

Depois de ouvir as duras palavras da médica, Mvelo caiu no sono. Sonhou que era perseguida por um monstro. Estava apavorada, até que se lembrou que tinha uma lanterna no bolso. Ela parou e enfrentou a criatura, colocando a luz sobre ela. Suas ações eram tranquilas e calculadas. Disse a si mesma que iria iluminar o monstro até roubar o seu poder. Ele foi pego de surpresa. Agora, ela já não era mais a caça. Era a caçadora. O monstro deu um grito de pavor e tentou correr na direção oposta, longe da luz. Mvelo sentiu pena da criatura, que agora soluçava ao ser dominada por ela (Ntshingila, 2016, p. 22).

O olhar preconceituoso da médica pode simbolizar a visão da sociedade sobre a menina, e o fato de, em seguida, ela sonhar com um monstro que a persegue, marca como ela se sente em relação aos julgamentos. É possível afirmar que há pavor na personagem até que ela lembra da lanterna que tinha no bolso. A lanterna (luz), neste caso, pode simbolizar a palavra, tendo em vista que ela pôde usá-la para se defender do monstro, que entendemos aqui como opressões sociais.

Observamos por meio da narração que, quando ela usa a luz, o monstro se apavora e corre, mas ela se compadece dele, pois este soluça ao ser dominado. Nisto, percebemos o estranhamento de Mvelo, quando se encontra na posição do dominador, pois estar nesse lugar significa não apenas estar acima, senão também subjugar outro(s), o que não parece coincidir com o caráter da personagem. Sendo assim, notamos na protagonista o desejo de ser ouvida, que se concretiza mais adiante na narrativa, quando a igreja do pastor que a violentou retorna à favela. Nesta ocasião, seu corpo é sua palavra, seu instrumento de poder e vingança:

[...] Foi então que ela se lembrou do velório de sua mãe no momento que ele começou a pregar; lembrou-se da forma como as mulheres começaram a cantar sempre que queriam evitar uma declaração pouco apropriada. 'Amahlathi, amahlathi aplhelile. Akusekho ukucasha. A floresta sumiu, não há onde se esconder', Mvelo começou a cantar com uma convicção que não conseguia sentir [...] Mvelo caminhou lentamente até a luz. Os anciãos lançaram um olhar incerto sobre ela; não sabiam o que fazer. Assim, ela caminhou livre até

a frente, sem ser barrada. Nesse momento já podia ver em seus olhos que ele a reconhecia. Despiu seu vestido e a calcinha e ficou parada na frente dele e da congregação, nua como se acabasse de nascer [...] (Ntshingila, 2026, p. 132-133).

Após a exposição do corpo nu, o pastor cai morto, e os fiéis, acreditando que Mvelo está possuída, jogam sal sobre ela e a repreendem em nome de Jesus. No entanto, apesar da tentativa de invalidá-la, ela se sente bem consigo mesma e parece convicta de que enfrentou a violência que sofreu sem precisar recorrer aos mecanismos que a formaram.

Ao entrar na congregação, Mvelo está com medo, porém encontra forças para realizar sua manifestação na dor do luto e da violação, compreendendo que não há motivos nem artifícios para se esconder, uma vez que “a floresta sumiu” e, portanto, “não há onde se esconder”. A colocação desse enunciado em língua nativa (“Amahlathi, amahlathi aplhelile. Akusekho ukucasha”) representa a tomada do poder, pois ela assume uma das formas de seu ser dominado, a língua(gem), assim, opondo-se à colonialidade. De acordo com Quijano (2000, p. 342),

La colonialidad es uno de los elementos constitutivos y específicos del patrón mundial de poder capitalista. Se funda en la imposición de una clasificación racial/étnica de la población del mundo como piedra angular de dicho patrón de poder y opera en cada uno de los planos, ámbitos y dimensiones, materiales y subjetivas, de la existencia social cotidiana y a escala societal.

A colonialidade molda os comportamentos, inclusive linguísticos, dos sujeitos. Sob esse prisma, o enunciado acima e outras manifestações nativas na obra demonstram, não apenas a valorização de diferentes línguas e culturas sul-africanas, como também a necessidade de as usar para resistir à colonização europeia, que se tornou simbólica e silenciosa.

Portanto, podemos supor que há um movimento intercultural em *Sem Gentileza*, através do qual se concretiza na visibilidade dada às diferentes formas de conhecimento, línguas e tradições das quais partilham as personagens femininas. Nesse sentido, não há hierarquia entre as epistemologias. Um trecho no qual notamos essa equivalência é: “Adorava cantar, em sua estranha mistura de zulu, inglês, africâner e xhosa (...)” (Ntshingila, 2016, p. 157). Levando em conta que a língua é um instrumento pelo qual conseguimos exprimir posicionamentos, crenças, valores, etc., a mistura das línguas na vivência da personagem demonstra “Um processo dinâmico e permanente de relação, comunicação e aprendizagem entre culturas em condições de respeito, legitimidade mútua, simetria e igualdade” (Walsh, 2001, p. 10), próprio da interculturalidade.

Concomitante a isso, acontece a descolonização do saber e do poder, haja vista que, com a interculturalidade, há diversas formas de conhecimentos. Valorizam-se as epistemologias locais, dispensando-se o compartilhamento de conhecimentos universais. Nesse contexto, o poder do dominador vai enfraquecendo, tendo em vista que o saber não mais o sustenta.

Sob essa ótica, aqui, a subalternidade se entrelaça aos sujeitos privados de voz, recursos e poder de decisão (crianças, mulheres pobres, doentes, moradores de guetos); ao passo que a soberania se refere a quem deveria deter o poder de garantir vida,

cuidado e proteção (Estado, instituições, sistemas de saúde); e por fim, a gentileza: não como gesto ingênuo, mas como ética mínima de sobrevivência quando a soberania falha.

CONSIDERAÇÕES (NUNCA) FINAIS

Por meio do texto literário, adentramos as nuances e os significados que ele carrega. Nesse intento, em *Sem Gentileza*, entre a configuração externa e íntima da obra, a relação marcante entre as personagens nos direciona ao espaço e ao lugar (ou não-lugar) ocupado por elas, bem como ao pertencimento (ou não-pertencimento) que elas vivenciam em suas vidas enquanto mulheres e enquanto sujeitos que produzem sentido no mundo.

A dimensão narrativa e múltipla da obra, evoca que, apesar dos silêncios, discursos outros são possíveis e necessários, não só por representar os considerados marginalizados, mas por fazer pensarmos outras óticas e realidades, em um movimento intercultural e, por conseguinte, descolonizador de saberes e poderes.

O discurso literário, ao se aprofundar na subjetividade do sujeito, permite entendermos as sensações das personagens durante suas reações às adversidades da vida. Em muitas cenas, notamos movências marcadas por tristeza e medo, todavia, a presença desses sentimentos parece ser elemento fundamental para o desenvolvimento de resistências. As personagens, cada uma a seu modo, exprimem suas ideias e conquistam seus espaços. Zola, reunindo pessoas de diferentes classes no seu velório; Mvelo, concluindo o Ensino Médio e entrando na faculdade de Jornalismo, mesmo depois de tanto sofrimento.

O feminino exerce dimensões variadas na obra. Assim, *Sem Gentileza* proporciona ao leitor muitas possibilidades reflexivas, revelando-se uma ferramenta para possíveis transformações sociais. Essa perspectiva pode ser sustentada em afirmações da própria autora: “Por isso eu precisava contar uma história que colocasse diante de você e dissesse: olha, esses problemas ainda estão acontecendo. Acho que isso era meu objetivo principal com a história” (Ntshingila, 2016).

Convém salientar que, ao inserir a expressão “ruídos” no título deste estudo, nos utilizamos da autora Regina Dalcastagnè, que, ao pensar a literatura contemporânea, alega: “(...) hoje, cada vez mais, autores e críticos se movimentam na cena literária em busca de espaço – e de poder, o poder de falar com legitimidade ou de legitimar aquele que fala. Daí os ruídos e o desconforto causados pela presença de novas vozes “não autorizadas.” (Dalcastagnè, 2012, grifos da autora). Seguindo essa linha de pensamento, esta pesquisa, ao analisar uma voz sul-africana (da autora) que caracteriza tantas outras vozes (independentemente de suas nacionalidades), apresenta esses barulhos, esses sons divergentes, esses estrondos que incomodam ao resistir e reivindicar o seu lugar de fala.

Sob esse ângulo, é possível afirmar que a obra evidencia representações femininas que buscamos contemplar neste estudo, vozes que ecoam e ressoam em busca contínua de se fazerem ouvidas e compreendidas.

Nesse sentido, ao alertar para a existência de sujeitos como Mvelo e Zola, pensamos ser a forma de Ntshingila reagir diante de grandes problemas sociais e incitar,

na sociedade, ainda que por meio do espaço literário, novos discursos, políticas, culturas, epistemologias e poderes; assim, colaborando para desconstruir hegemonias sustentadas pela colonialidade e, por conseguinte, revelando-se como uma literatura dissidente, o que abre espaço para debates e discussões em nossos meios acadêmicos, sociais e literários.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Vera Regina Pereira de. A soberania patriarcal: o sistema de justiça criminal no tratamento da violência sexual contra a mulher. *Sequência Estudos Jurídicos e Políticos*, Florianópolis, v. 26, n. 50, p. 71–102, 2005. DOI: 10.5007/1982-3701.2005.00050. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/sequencia/article/view/15185>. Acesso em: 9 jun. 2025.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. *Estética da criação verbal*. Tradução do francês por Maria Emsantina Galvão G. Pereira; revisão da tradução Marina Appenzeller. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. (Coleção Ensino Superior).
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail. *Linguística e comunicação*. Trad. José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 2003.
- DALCASTAGNÉ, Regina. *Entre fronteiras e cercado de armadilhas: problemas da representação na narrativa brasileira contemporânea*. – Regina Dalcastagné. – Brasília: Editora Universidade de Brasília: Finatc, 2005.
- FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2011.
- JARDIM, Gabriel de Sena; CAVAS, Cláudio São Thiago. Pós-colonialismo e feminismo decolonial: caminhos para uma compreensão anti-essencialista do mundo. *Ponto-e-Vírgula: Revista de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 22, p. 73-91, jul.-dez. 2017. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/pontoevirgula/article/view/33335>. Acesso em: 29 jul. 2025.
- LUGONES, María. Colonialidad y Género. *Tabula rasa*, Bogotá, v. 9, p. 75-101, jul.-dez. 2008. Disponível em Disponível em <http://www.revistatabularasa.org/numero-9/05lugones.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2025.
- NTSHINGILA, Futhi. O racismo continua lá e ainda precisamos falar sobre ele. entrevista concedida a Sul21. *Brasil247*, [s.l.], 5 ago. 2016. Disponível em: <https://www.brasil247.com/geral/para-escritora-sul-africana-racismo-continua-e-e-preciso-falar-sobre-ele>. Acesso em: 9 jun. 2025.
- NTSHINGILA, Futhi. *Sem gentileza*. Tradução de Hilton Lima. Porto Alegre: Dublinense, 1. ed., 20 junho 2016. 160 p. ISBN 978-85-8318-079-1.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder y clasificación social. *Journal of World Systems Research*, n. 2, p. 342-386, Summer/Fall 2000.

RIBEIRO, Djamila. *O que é: lugar de fala?*. Belo Horizonte (MG): Letramento, 2017.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs.). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Edições Almedina, 2009.

SUL21. *Sobre o Sul21*. [s.d.]. Disponível em: <https://www.sul21.com.br/sobre/>. Acesso em: 26 jul. 2025.

WALSH, Catherine. *La educación intercultural en la Educación*. Peru: Ministerio de Educación. (documento de trabalho), 2001.